

COMO OLHAR JUNTO

LUIZA BALDAN

Luiza Baldan (Rio de Janeiro, 1980) é artista e pesquisadora, doutora em Linguagens Visuais pela UFRJ. Seu trabalho explora moradia e relações humanas por meio de fotografia, textos e instalações. Participou de exposições como "Como Olhar Junto" (2023-2025) e da 17ª Bienal de Arquitetura de Veneza (2021). Premiada e publicada, colabora com instituições de arte e co-gestiona o NowHere Lisboa. Publicou *Derivadores* (2016) e *São Casas* (2012). Vive entre Brasil e Portugal.

O projeto “*Como Olhar Junto*” (2023-2025) investiga memórias, paisagens e relações comunitárias na Cova do Vapor, Portugal. Entre encontros, histórias e observações sensoriais, busca resgatar afetos e narrativas de um território em constante transformação. O texto é construído através da observação compartilhada sobre pertencimento, identidade e resistência. A obra reflete sobre a contínua reinvenção da paisagem.

memória,
comunidade,
pertencimento,
paisagem,
resistência.



Esta é uma carta de amor. Por muito tempo pensamos que o amor era pelo lugar, pela paisagem, pelas reminiscências de outro lugar. Mas o lugar era apenas um palco, uma desculpa geográfica para que os encontros tivessem lugar e que deles surgisse o amor. Quando de nós foi arrancado violentamente o lugar, por um momento pensamos que tínhamos perdido tudo. Ainda não havíamos entendido que o que perdemos foi o filtro que dava luz ao lugar. O amor nunca nos foi tirado e é nele que nos apoiamos para inventar novas paisagens e continuar a escrever esta história, inclusive a história do lugar, daquele ou de qualquer outro.

Não sabíamos o que era o Bugio, muito menos aquela ponta clara que se alastrava no horizonte sem completá-lo por completo. Nos enchemos de curiosidade por atravessar o mar e pisar naquele triângulo branco esgarçado e imprensado entre azuis. Quando lá chegamos, olhamos juntas, na direção oposta, para a praia de onde avistamos pela primeira vez a Cova do Vapor. Mal sabíamos que aquele areal era bem mais do que imaginávamos. Não podíamos supor o que a pele sentiria ao tocar naquele combo de vento, duna e restinga; o ar preenchendo vácuos que nem sabíamos que tínhamos; uma vontade louca de cobrir nossos corpos de areia até tocar o fundo da terra, antes mesmo de sermos arremessadas para bem longe dali, no mesmo Atlântico, isso sim, mas a décadas de distância, para um lugar que nós mesmas nunca tínhamos conhecido.

O entusiasmo chega pela estrada, quando viramos à esquerda para o caminho das árvores até abrir o clarão com a duna em frente. Não é raro a areia invadir o asfalto. Seguimos pela praia até dar com a vista nas casas, na baía e nos barcos, aquele canto que já foi transformado em piscina olímpica para competição de natação. Dá uma alegria no peito! Se a chegada é por volta das sete e tal da tarde com a luz do pôr-do-sol, parece até ter neve lá ao fundo. Tem gente que fica triste com o pôr-do-sol, então mais vale chegar à noite, parar junto à baía e ver as luzes de Lisboa. E sempre há a opção de virar na avenida do contorno até dar com o hotel e por fim virar à esquerda, onde as dunas se anunciam.

Acordamos cedo para chegar à outra ponta da praia. Camiseta de vencedora das olimpíadas de matemática da escola, a única regata do armário, para acompanhar a caminhada. No mormaço, o destino não parece longe, nem protetor solar passamos. Três horas espremendo a areia fina com os pés e não se alcança o final da linha. Nos restou cantar para não morrermos de sede em frente ao mar. Dali veio o primeiro gole de cerveja na garganta desidratada. A testa inchada, a insolação, o sorvete do Norberto e a lembrança mais fortuita de uma parceria jamais dissolvida. Aos nos despedirmos, a mensagem deixada no caderno e só vista alguns dias mais tarde: eu sei que vou te amar por toda a minha vida.

Com os olhos fechados, ouvem-se pipocas estourando na panela, ou talvez sejam tiros ou fogos de artifício. As bolinhas de frescobol batem e rebatem nas raquetes de madeira numa cadência explosiva. Mais velozes que o vento e as gotas de suor que inundam os olhos. A dança dos corpos, pergunta e resposta, num duelo sem vencedores, num pacto para que a bola não termine na areia ou dentro do mar. Mais um gole de cerveja em copinhos americanos embaçados, sentadas sob a sombra do quiosque de madeira, entre o cheiro do peixe do Ernesto e o som da rádio do Albatroz.





Paradas no topo da duna, o vento desenha riscas brancas no mar, pautando o azul para nele seguirmos. A maré vazia nos deixa ver toda a estrutura de pedras perdidas deslocadas do Tejo e que construíram a base do farol do Bugio. No início do século passado, a capela mantida pelas mulheres dos faroleiros podia ser acessada à pé na baixa-mar pelos peregrinos que assistiam à missa dominical. Avistamos o farol como uma promessa de rota, fuga e paragem. Um mistério, uma lenda. Um marco do quanto o mar cobriu a praia e o afastou de nós e do tanto de histórias que cresceram aqui. A praia era muito mais extensa e o farol muito mais próximo. O Bugio agora é um barco adernado no oceano enquanto nós estamos aqui fundando um lugar.





O que faz um lugar?

Em meio a tantos livros, as histórias não brotam das páginas, mas das bocas sedentas. Assim como as casas daqui, uma se sobrepõe à outra, numa colagem de vozes, cantos, risos, choros, ritmos e intensidades. As casas foram montadas na praia, mas depois foram levadas para outros lugares para fugirem do avanço do mar. Sim, as casas andaram e não foram sozinhas. Foram levadas mecanicamente para novas paragens para não serem tragadas pela água. Mudanças climáticas, a dragagem dos areais da Golada do Tejo, a expansão do Porto de Lisboa, a terraplanagem para a construção dos silos... as praias também foram levadas. Uma delas é um enorme paredão de silos que tampa a vista do rio que as casas um dia tiveram. E também é um estacionamento de caminhões e pássaros em busca de cereal. E uma orquestra de pássaros, sirenes, máquinas e freios de caminhões que começam a soar antes mesmo do sol nascer e que se estendem ao longo do dia ao ponto de não ouvi-los mais. E um pátio com uma piscina sem água ao lado de uma pequena vila de pescadores onde já não existe a fábrica de gelo. Duas casas se escondem atrás dos silos, em uma rua ainda de areia, como peças vizinhas de um quebra cabeças colocadas no tabuleiro errado, onde a mãe do menino de uma fazia zaragatoa com mercúrio e cotonete na garganta da mãe da menina da outra para sarar a amigdalite. E dizia para destapar os pés da coberta para ajudar a desentupir o nariz. E decorou de verde o quarto do filho, pintando e pondo papel de parede no cômodo do topo da casa, naquele espaço onde não se fica em pé sem dar com a cabeça no teto. Da janela daquele quarto se veem os silos e ainda lá estão as decorações nas paredes da casa abandonada.

Fomos para aquela praia porque tínhamos uma fábrica de gelo. Ou tivemos uma fábrica de gelo porque fomos para aquela praia. Tínhamos também um camburão com uma sirene de ambulância que levava o gelo. E a fábrica ficava ao lado de uma vila de pescadores e suas embarcações, canoas, botes, bateiras e chatas, que todo mundo usava para passear no rio. E o pai pescava e conduzia o caminhão mas, no dia do acidente, ele conduzia era o carro que sofreu uma batida traseira de outro caminhão. Ali ele só não morreu por um milagre, mas morreu poucos anos depois, ainda muito jovem, assim como outros tantos pescadores que morrem cedo e têm as cinzas lançadas na praia. Um foi para Cabo Frio, outros foram para a guerra do ultramar, Guiné e Moçambique, mas o tio veio para cá por causa do Cabo Branco, que ia à pesca na África do Sul. O tio sem querer encontrou a irmã fugida que já morava aqui porque veio trabalhar em um restaurante e acabou por casar com outro pescador, que era divorciado e tinha quatro filhos. O homem muito ciumento não queria que ela trabalhasse, mas ela, cheia de caráter, não se deixava fazer. E dizia que ele era muito boa pessoa se não bebesse tanto. Tiveram um filho, que também pesca mas que não é pescador, e que tem um filho a quem ensina a pescar para que pelo menos a arte não se perca nesta geração. Já não restam pescadores.

O pai vinha acampar quando ainda era Lisboa Praia. Nós éramos miúdas e as dunas eram muito altas. Nada nos deixava mais felizes do que apanhar o barco para a Cova do Vapor e ver os golfinhos acompanhando a viagem. Descíamos daquele barco a vapor, o Zagaia, em um estradozinho de madeira e caminhávamos por quase uma hora até chegar. Passados uns anos, o barco já não vinha para cá porque não tinha onde atracar. Então o Coxo, que tinha problema nas pernas, nos vendeu a casa por 3 contos e quinhentos porque não conseguia mais caminhar tudo aquilo. Ele ainda conseguiu outra casa que tempos depois levou para a Trafaria, onde estão os silos. O Coxo só trazia pra praia as queridas, nunca a esposa, por isso era chamado de “O Meninas”. Quando o mar fez um cerco, entrando por trás do Albatroz e arrastando as casas para o oceano, tivemos que recuar a nossa para o esporãozinho onde fizemos a nossa fotografia. Sem televisão, as notícias e as atualidades passavam no cinema antes do filme começar. E nas imagens apareceu a casa do Gabriel, a nossa e a do Tio Augusto, aquela correnteza, e a onda batendo e derrubando a do Gabriel sobre a nossa com o pai entre as duas, que não morreu entalado por pouco. Como a casa foi instalada muito na ponta, tivemos que mudar novamente para o sítio onde estamos agora, faz mais de quarenta anos. A nossa casa foi escapando. O pai do padeiro é que transportava as casas no charriot, pondo tábuas por baixo das rodas, puxadas por bois e mais tarde por tratores. Uma das que veio a baixo era a da ex-mulher que continuava a viver aqui. Era a casa que estava atrás da nossa. Os homens todos puseram-se em volta dela e sobre o telhado e usaram umas cordas grossas para o resgate. A areia foi sendo comida e outras casas que ficaram descalças, caíram. As pessoas tentavam puxá-las quando a água as trazia de volta, evitando que se perdessem mar adentro. Falam de mais de quatrocentas casas. Muita gente ficou sem ter onde morar. Foi quando vieram os estudantes e fizeram a casa do Pifilim em alvenaria. Se o Pifilim ainda andasse por aqui, de certeza que tudo isto estaria limpinho, nem piada. Ele esteve preso em Coimbra porque deu com os remos num homem ali na baía.





O Manuel da Fruta veio de Aveiro ou de Santa Comba Dão, a terra do Salazar, lá de cima. Foi trabalhar de capataz em uma quinta de agricultura perto de Lisboa e, depois de se chatear, veio embora para a Costa da Caparica. Naquelas alturas havia muita tempestade por aqui e o mar já ameaçava. No princípio dos anos 50, caminhando pela praia, deu com as casas indo por água abaixo. Como também era carpinteiro, engendrou a charriot para meter por debaixo das casas e salvá-las do derrube. Os bois não eram daqui, mas das quintas lá de cima, e eram usados para lavar. Então o Manuel contratava pra lá de sete juntas de bois para puxarem a charriot e foi assim que ele veio parar na Cova do Vapor. Até os passadiços de madeira onde atracava o barco eles carregaram.

Essa nossa terra está muito pobrinha. Faz falta um restaurante, uma mercearia e de pessoas mais ajuizadas. Quem não conhece isso aqui, vai embora sem saber onde comer para além da padaria que fecha na hora do almoço. Quando viemos pra cá tinham tantas coisas. Ainda estavam tirando madeiras, mas já não vimos casa nenhuma sendo carregada, além da casa azul que levaram para o lado do parque das merendas. E tinha aquela casa verde do Fernando do Moinho, ao lado do Sr. Pereira e do Zorba, com água até o meio. Aquele homenzinho baixinho tirando a água de dentro da casa. Não ficamos com a outra que estava à venda por 35 contos porque não tinha papéis. E a menina sofria muito da garganta, tinha tanta febre e não comia bem. O doutor disse-nos para irmos ao Bico da Areia, não chamavam isso de Cova do Vapor, que era para apanharmos a maragem, o ar do mar e da Serra de Sintra. Por fim alugamos um quarto na Pimenta onde tínhamos um fogão pequenino e dormíamos no chão. Do lado de fora era tudo areia. E foram puxando quartos dos quartos e assim o lugar foi crescendo. Éramos sete vizinhas em um pátio. A Celeste casou e foi passar lua de mel no quartinho e o André deve ter sido fabricado lá mesmo. Alguns restaurantes foram levados daqui quando as águas começaram a invadir e outros simplesmente acabaram. Não tinha farmácia, só um posto de socorros que já não existe mais. Eram bares, quartos para alugar e os becos onde jogávamos às escondidas. Naquela correnteza, uma senhora que estava na França alugava casa a portugueses. Bugio à Vista, Gouveia e o Bar Atlântico, Dona América e Jorge, Porto de Abrigo, Antônio das Toalhas e o Lisboa Praia, Casa Nova com os bailes onde chegou a vir a Amália, Jaime da Marissol, Zé da Mata e a Esplanada à Beira Mar, Casa dos Matraquilhos, Chaves, e o Convívio no 2º Torrão. No Estrela da Ponte éramos uma família. Nós púnhamos a mesa, buscávamos o pão e os guardanapos como se estivessemos na nossa casa. Agora é uma garagem. E não havia carros, só bicicletas.

Nunca tínhamos ouvido falar neste lugar. Na papelaria vinham os fornecedores de material e um nos perguntou se não estávamos à procura de uma casinha na praia. Até então, nas férias das crianças, íamos para alguma casa alugada na Praia da Mata, da Saúde ou da Rainha. A mãe queria comprar qualquer coisa no parque de campismo, mas o pai não, ele queria casa com mesa, cadeira e cama. Fomos todos visitar a casa naquela praia que nunca tínhamos ido. Ficamos como toda a gente que chega aqui, boquiabertos. A casa era uma barraquinha tão pequena que as crianças maiores batiam com a cabeça nas portas. Onde temos a sala, era rua. No quatinho pequenino só cabia a cama da avó. No outro, a cama do casal, e a cozinha, mal e porcamente. O espaço para comer era só fora e precisávamos de panos para tapar o sol. Como dormiam tantas pessoas juntas? Como era possível? Eram esteiras seguidinhas umas às outras. Podiam ir quantos quisessem, mas na cama do pai ninguém mexia. Uma casa de bonecas, tudo muito ajeitadinho mas muito rudimentar. Tinha água mas não tinha luz, só petromax e bateria, que nos cobravam 6 escudos para recarregar. Luz só nos anos 80. Mas gostamos tanto da casa que a compramos por 400 contos. Hoje ela está um bocadinho melhor, com telhado novo, sem amianto, e já moramos aqui o ano todo.

Quando as casitas de madeira ainda andavam para trás, o pai vinha fazer as prateleiras para pôr os pratos e os candeeiros. Tínhamos um sítio cativo para as lonas de dormir quando vínhamos ajudar o tio Eduardo, que era quem sempre nos dava banho e tínhamos que fugir a sete pés. A avó da avó alugava um quatinho e os fogareiros e máquinas a petróleo ficavam do lado de fora. Depois de casar, passou a acampar na praia em frente ao Bar Atlântico. Já tinham dois filhos e engravidaram da terceira ali mesmo. Era a única que tinha o casamento aberto para se relacionarem com quem fosse, homens ou mulheres. E tinha um senhor que trabalhava na fábrica de camisas Regojo com a nossa prima, que tinha a postos a bandeira portuguesa na frente da casa de madeira. Um dia ele entrou em casa quando ainda estava tudo a boiar. A casa agora está coberta com cimento e ele mora na Ericeira.

A casa da praia, do fim de ano, do carnaval. As festas, as férias em família, o reduto dos parentes ainda sem casa de praia. Depois que finda a casa e os parentes morrem, desterradas, só restam a arquitetura e a praia. E a maquete de casinhas em papelão que os arquitetos que andaram por aqui fizeram para recriar o mapa da comunidade. Também restam as lembranças de tantas primeiras vezes, capítulos de uma vida ainda em progresso.

Na praia, todos livres. Corpos ao sol, peitos e bundas de fora, sungas evidenciando paus e sacos, areia na comida. Não há pudor no deleite. Conforme se caminha em direção à rua, aquele estado de exceção vai desaparecendo aos poucos. Primeiro o sutiã, logo a camiseta, e assim por diante. Homens continuam a levar a mão ao saco, mas já não se pode mostrar, não se pode olhar, nem comer areia.







A avó lhe fazia meter o dedo pelo cu da galinha para procurar por ovos antes de degolá-la. O menino descobriu a naturalidade do cu em uma atividade corriqueira da vida rural. Um gesto invasivo que precede um assassinato para prover um alimento. Aquele ovo que não saiu pelo cu da galinha, aquele pinto que deixou de ser, daquela galinha que deixaria de ser. Aqueles ovos entubados, os ovinhos, comidos de qualquer maneira junto com outras partes da galinha. Tudo fervido na canja. A primeira reação foi repulsa, o rosto mostrava isso. Franzir, grunhir. Tudo na cena repugnava. Os ovinhos boiando no caldo quente, bolinhas amarelas de pura gema, que afinal são deliciosas. *A História do Olho*, Bataille, o erotismo infantil, a relação entre ovos e cus, cus e olhos, Tom Zé e os cus-de-pinto do cerrado brasileiro, o mirtilo daquela terra. E da repulsa veio o desejo, veio Freud, sei lá mil coisas, porque como Adélia disse, cu é lindo. Lindo até a avó pegar o telefone para mostrar fotos dos queridos gatos e de repente mostrar uma do próprio cu enviado à médica para analisar. Sem o menor apuro, ela conta suas mazelas, como se falássemos de dores de cabeça. Dizia que enquanto pudesse levar a mão ao cu, que a deixassem cá andar. Mas como já não consegue, se vira com o Poliban com repuxo, que deixa tudo bem lavado, e usa uma daquelas mãozinhas de plástico para limpar as costas. Chuveirinho, chuca. Será que a galinha gosta de dedada? Por alguma razão mandar alguém tomar no cu é de uma violência absurda. Mas tomar no cu pode ser bom. Dedo no cu também. A violência é que é ruim. Todas essas divagações vieram por pensar em perspectivas, cus, entradas e saídas.

Não sabíamos que éramos capazes de fazer coisas tão boas. Quer um bocadinho de abafado ou Cai Bem? Bolo de bolacha ou arroz doce? Do Porto ela não quer nada por causa do Pinto da Costa. Saúde e bichas e no cu três dúzias que Deus não pode dar tudo. Pelos presentes e pelos ausentes. Ó bexigoso, tão docinho. É ginja, gasosa, raspa e sumo do limão, canela e hortelã. Bolacha retangular, chantilly, açúcar refinado, café, doce d'ovos e amêndoas torradas. Do terraço onde comemos, bebemos e falamos de cus e ovos, vê-se do outro lado da rua a casa amarela que foi construída, da noite para o dia, sobre o lugar que servia de sanitário coletivo para as residências sem banheiro, sem casinha, sem ali dentro, sem WC, sem casa de banho, em um tempo quando as famílias utilizavam corriqueiramente penicos guardados sob as camas. Só os homens tinham um cantinho reservado no lote para as suas necessidades e, um belo dia, sem qualquer aviso, lhes retiraram o trono e construíram chão sobre as bostas.

É que só na metade do século passado os vasos, ou melhor, as sanitas e autoclismos chegaram a muitas casas daqui. Foi depois da invenção do futebol e do nascimento da avó. O que havia até então era uma pia, uma espécie de retrete próximo à cozinha e nos fundos das casas. As porcarias podiam ser jogadas direto no quintal ou em um anexo, ou até mesmo atiradas pela janela. Como a rede de esgotos era precária, a recolha dos resíduos era realizada por trabalhadores que os

transportavam para locais de despejo, especialmente o rio. Ao longo da história existiram as mulheres calhandreiras, muitas delas escravas de origem africana que, entre os séculos XVII e XVIII carregavam sobre a cabeça tonéis com os “calhandros” das latrinas para que fossem despejados no Tejo. Algo terrivelmente parecido aos escravos-tigres no Brasil, já que a merda que vazava dos tonéis lhes deixava listras brancas sobre a pele negra. O racismo é tão macabro que muita gente que sequer conhece a origem do substantivo “calhandreira” usa-o como sinônimo de fofoqueira, bisbilhoteira e prostituta. A língua portuguesa pode ser muito traiçoeira.

Mas queríamos mesmo era falar de amor. Amor de quem cria um neto. Amor de quem tece à mão a prenda que aquece o pescoço e a cabeça da criança, para melhor fermentarem os sonhos e a imaginação. Amor de quem pega na enxada sem correr do trabalho pesado. Amor de mãos calejadas que não perdem a destreza de um cafuné. Amor de quem prepara uma canja e seleciona os ovinhos para quem os mereça provar. Amor pelos gatos. Amor em uma casa que se ergueu sobre um único cômodo, um quarto térreo sem cozinha e quase sem luz, e que cresceu como uma torre com três banheiros e que abriga confortavelmente toda uma família e seus convidados. Amor em um terraço que só existe porque lhes tiraram a vista do mar. Amor pela praia. Amor de usucapião.

[Lucia, 13 de abril. Manuela, 05 de dezembro. Socorro, 27 de novembro. Ponte 25 de Abril, 06 de agosto.]



A avó só ouvia o futebol no radinho e, em sua cadeira de balanço, olhava para um horizonte inexistente, uma parede branca meditativa onde projetava a fala do narrador. Aquela avó, que todos diziam ranzinza, transbordava a sua paixão pelo jogo e contagiava as crianças com sua mirada perdida e sorriso frouxo de quem vislumbrava a magia dos lances de seus craques. Será que aquela mulher do início do século XX já tinha jogado bola alguma vez? De quem haveria herdado aquele amor por um esporte tão machista? Os filhos cada qual torciam por um time diferente, qualquer um, menos o Flamengo. O rapaz que torcia pelo Benfica morreu da mordida do cão que tomou na beira da baía. Ser Benfiquista.

Nidos frios na tigela nova, a massinha de rabinhos de porco colorida que a avó mistura com ovos, atum e maionese caseira feita com ovo, óleo, vinagre e mostarda, batida com a varinha mágica. Tem também bolo alentejano com mel e azeite, borrachos amassados em aguardente e vinho, e folhados de gila, uma maravilha de abóbora que junto com os fios d'ovos faz tudo ficar melhor. A diabética que se cuide. Junto ao lanche, o álbum de fotografias onde reconhecemos a irmã, o cunhado e o cão Fiel, e os aerogramas recebidos do irmão quando esteve na guerra da Guiné. As histórias brotam como as casinhas daqui. Elas vão pegadas umas nas outras, trepam sem ordem mas com muita graça. Nomes e mais nomes se emendam entre as famílias, a camaradagem e as discórdias. Nomes nomes nomes nomes nomes. Fulano do cento e tal, ciclana da Silva. O passado ressoa em ecos. No fundo das conversas, a televisão. Na novela Sangue Oculto, a atriz aparece na mesma praia onde estamos e que vemos impressa nas fotografias. A preferida da programação é Para Sempre, com o Diogo Morgado, mas a paixão não é por ele, é pelo Antônio Fagundes, por aquele terracinho, por esta terra e por cantar. A faringite tirou a voz que cantava o fado lindamente, desde os tempos da Mouraria. A menina chegou a ser levada pelo padre para cantar no coro da Igreja de São Paulo. Também o Humberto Madeira quis levá-la ao Passatempo APA, que era gravado ao vivo no Eden e emitido pela Rádio Clube Português, para ganhar a boneca, mas de tão envergonhada, não foi. Mesmo rouca, passa os dias ouvindo e cantando as suas músicas favoritas no YouTube, porque ela ainda ama, mais que tudo, cantar.

[Antônio Fagundes recita Pablo Neruda, *O teu riso*] Saudade. Saudade é solidão acompanhada, é quando o amor ainda não foi embora, mas o amado já... Saudade é amar um passado que ainda não passou, é recusar um presente que nos machuca, é não ver o futuro que nos convida... Saudade é sentir que existe o que não existe mais... Saudade é o inferno dos que perderam, é a dor dos que ficaram para trás, é o gosto de morte na boca dos que continuam... Só uma pessoa no mundo deseja sentir saudade: aquela que nunca amou. E esse é o maior dos sofrimentos: não ter por quem sentir saudades, passar pela vida e não viver. O maior dos sofrimentos é nunca ter sofrido.

Todas as avós começaram a trabalhar muito cedo, mas mentiam sobre a idade e diziam que tinham quinze anos para evitarem problemas. Uma só tinha nove quando começou a costurar, sem jamais ter aprendido a ler ou a escrever corretamente. Enquanto o pai e a mãe semeavam e catavam, ajudava-se em tudo e trabalhava-se em casa de costura e no que mais aparecesse. Foi a avó que bordou a toalha verde em ponto de cruz com os quatro naipes do baralho. A jogatina comia solta. Uísque com cerveja com fumaça com falatório e música alta. Gargalhadas para alguns, testas franzidas para outros. Anos mais tarde, a toalha esbranquiçada encontrada no armário, manchada com o círculo de um copo, furada pela brasa de um cigarro, cheirando a naftalina. A toalha estendida à mesa, as cartas do baralho grudadas pela maresia e o tempo, nas mãos da criança que nem conheceu aquela avó e que agora se familiariza com o jogo. Diante de um templo mas sem dimensionar a importância de tudo aquilo, a menina zomba, arremessa as cartas com fúria por ter perdido a partida. A mãe enraivece sem conseguir explicar o porquê, o desrespeito à história de suas vidas, daquele pedaço de pano costurado à mão por alguém que sequer jogava às cartas.

A casinha para os gatos acolhe as fêmeas da vizinhança e seus bebês. Agora são demasiados, para mais de dez. A outra vizinha já tem uns vinte, mas se pedes um a ela, vai querer te cobrar. Incrível como veem negócio em tudo. Na antiga feira de Sacavém, quando foram construir a urbanização, encontraram enterradas cabeças de gato porque usavam os bichos para fazer o coelho a caçador. Dizem que é bom pra asma. Ligamos para o resgate público, mas eles só buscam os gatos em caso de maus-tratos, mas a multiplicação deles pela rua não é uma questão de saúde pública? Para os gatos e os humanos? Agora os gatinhos estão todos a dormir. A Xaninha chama-se assim por causa da filha da Maria. A avó traz a fotografia de quando a sua casinha ainda estava aqui, bem na areia da praia. Agora a casa está na rua de trás e é a moradia do ano todo e dos gatos. Ela traz outras imagens. A do pai que parecia um ator de cinema, um borracho. Ela só aceita um retrato novo se ficar bonita porque ela sempre foi bonita e acanhada, coisa que já não acredita ser. Com tão só cinco anos, foi mascarada de estudante pela avó. O pai a levava à casa da madrinha para exibi-la já que era a única entre tantos rapazes. Iam sempre de transporte e, um dia, sentados ao lado do banco dos palermas, um senhor que ali estava lhes entregou um retrato seu, uma fotografia feita a carvão. Este ela aceitou. Agora digam lá se ela não era linda!

Falta já muita gente e cantoria por aqui. Isto era um céu aberto, até o Jorge Fontes cá esteve. O avô queria entrar para o coro. Muitos se reuniam para o fado à luz de velas com o Sr. Saraiva, que também era acordeonista, ou faziam karaokê ou iam para a Associação ouvir o Gabriel Macedo tocar. O irmão aleijadinho ficava na cadeira de rodas a se deliciar com os caracóis e a ouvir a festa com grande animação. Pescadores, homens simples e inteiros, apaixonados. E o Zé vinha a falar de seus amores. Ô Zé, desculpe lá, mas toda a semana diz que tem uma namorada nova e que vai apresentá-la, mas está cá sempre sozinho. Só fala em mulheres mas anda sempre sozinho e diz que todas estão a olhar para si. Tadinho, um querido, um iludido, teve todas as mulheres que imaginou e quem sabe assim foi feliz. O outro, que anda mal de amores, senta no bar da avó por falta de lugar melhor. Luzinhas pendem sobre as mesas e centralizam os cinzeiros brancos. As crianças provam o álcool escondidas atrás do balcão e escolhem as músicas que são tocadas para os clientes. As tias pedem o António Mafra. No Baile da D. Ester / Feito a semana passada / Foram dar com o Chaufer / A dançar com a criada / Dizia-lhe ela baixinho / Na prise és bestial / Eram pr'aí sete e pico / Oito e coisa nove e tal.

No início eram as pessoas com dinheiro que vinham para cá. Depois chegaram os operários, a classe trabalhadora, gente das vilas e áreas urbanas tão recentes quanto esta. E mais tarde vieram as excursões, ônibus fretados que descarregam grupos que sequer dormem aqui. Foi então que os ricos fugiram e passaram a veraneiar no sul. É mais fácil culpar os ventos por todo este espanto.



Religiosamente em setembro chegam as marés vivas. Ainda na época do Tio Augusto muita gente acordava no meio da noite com o susto da água que subia. Não havia ruas nem esporões e tudo ainda era mata entre a Cova do Vapor e a fábrica de explosivos, quando muitas casas foram levadas pelo oceano. As que tiveram melhor destino, já que estavam construídas sobre estacas, mudaram de lugar até mais de uma vez para evitar a fúria da água, e eram cercadas por sacas de areia como contenção. Algumas dessas realocações foram direcionadas pelas autoridades portuárias, a quem pertenciam todas as propriedades, mas muitas foram indicadas pelos próprios moradores que escolhiam onde e como escapar das rotas dos ventos. As casas seguiram um pouco mais sobre a mata e a areia, alcançando o 2º e o 1º Torrão da Trafaria, além da Praia da Saúde na Caparica. Na ponte da NATO, como ainda era tudo areia, nós passávamos por baixo a pé. Dali vimos os fogos de artifício quando inauguraram a ponte 25 de Abril e deixávamos as toalhas para nos banharmos mais adiante. Um dia o mar fez uma investida com tal força que levou todas as nossas coisas. Foi um *enchio*, aquele recuo abrupto do mar que logo volta forte sobre a praia, um dos muitos fenômenos frequentes naquelas décadas para além das marés vivas, dos estos, das erosões costeiras e das tempestades atlânticas. Nosso lugar cativo está debaixo d'água há muito tempo. Algumas casas que vemos na primeira linha da praia de agora não foram construídas ali, foram transferidas para fugirem da inundação. Barracas pequenas de canas de madeira tipo palafitas com telhado de acácias e chão de areia. Mesmo muito humildes, as famílias davam seu jeito de passar as roupas em ferro à carvão. Anos mais tarde as casas ganharam fundação, telhas e piso, algumas foram cimentadas por fora, e só bem depois chegaram encanamento, eletricidade e casas de banho. E hoje já se veem as adaptadas para receberem turistas estrangeiros do Airbnb com ar condicionado *split* e diárias que rondam os 200 euros. Nem todas têm papéis legalizados, mas muitas gozam da vista para o mar enquanto outras estão praticamente cobertas de areia. Mesmo com a vegetação dunar, a construção do pontão e do extenso muro de pedras entre a baía e a Primeira Praia, a areia e o mar ainda dão jeito de galgar. Há pouco tempo uma grande oleagem derrubou a parede da casa da Anita, ali onde fomos muito felizes a bordar, a ouvir músicas e a rir juntas. Lugares que estão fadados a desaparecer.

Toda uma vida ouvimos músicas no rádio. Tocam e ainda nos tocam. O cunhado sonoplasta da rádio Renascença influenciou desde cedo. Estávamos na praia quando ouvimos que a Princesa Diana morreu e algum tempo depois veio a canção do Elton John. E também foi pela rádio que ouvimos a Grândola anunciando a Revolução dos Cravos. E os amigos da mãe enviavam canções dedicadas à menina e construíram um arquivo para que ela pudesse reunir todas aquelas músicas e incluir todas as mais que viessem, como um álbum de fotos sonoras. Cada uma soa como imagens de um tempo. Nós também quando as ouvimos passamos a reconhecer rostos e momentos. E ao passar a ribeirinha / Pus o pé, molhei a meia / Pus

o pé, molhei a meia / Pus o pé, molhei a meia / Namorei na minha terra / Fui casar à terra alheia... / Parece que nunca viram / Gente de outra Nação. As pombinhas da Catrina / andam já de mão em mão / Foram ter à quinta nova / ao pombal de S. João. Alecrim, alecrim dourado / Que nasce no monte sem ser semeado. / Ai, meu amor, quem te disse a ti / Que a flor do monte era o alecrim? / Alecrim, alecrim aos molhos / Por causa de ti choram os meus olhos. Benfica, Benfica / Na terra e no mar / Se perde o Benfica não quero jantar. São papoilas saltitantes. Viva o Sporting, a Maria José Valério e a sua mexa verde no cabelo.

Onde vais, avó? É onde tem livros? Vais-me buscar um livro?





[Denise Guilherme, *O Guardador de Memórias*, 2021] ... As aventuras vividas e aquelas inventadas, contadas pelos homens e mulheres ao redor da fogueira nas noites estreladas. Nada escapava ao menino. Diferente das outras crianças que apenas ouviam as histórias, o menino as guardava. (...) As histórias lhe permitiam viver o que, talvez, nunca experimentaria. E assim ele seguia. Ouvindo e guardando memórias. Colhendo e contemplando histórias. (...) Chegaram estrangeiros que tomaram os tesouros, as casas e também as histórias. (...) No lugar das lembranças dos outros tempos, os estrangeiros colocaram as suas próprias. Outras histórias passaram a ser contadas. Os costumes antigos foram esquecidos. As palavras se perderam e houve um grande silêncio. (...) Dias depois, o menino-homem avistou pela primeira vez o mar e, diante daquele imenso azul, sentiu-se muito pequeno e chorou pelos que se foram e principalmente pelas histórias perdidas. Foi então que por entre as ondas chegou aos seus pés uma grande concha. Encantado por encontrar algo de si vindo da imensidão do mar, colocou-a próxima dos seus ouvidos e foi como se o tempo tivesse parado por alguns instantes. De dentro da concha, ele (...) reconheceu palavras vindas de um tempo muito antigo, as quais, de certo modo, se pareciam com aquelas que deram origem às histórias contadas por seu povo. (...) reconheceu que as histórias que um dia havia imaginado terem sido perdidas, na verdade sempre estiveram em toda parte, porque nada existia antes delas. E se foram as palavras que deram início ao mundo, talvez com elas também fosse possível resgatar o que havia sido esquecido. (...) Decidido, ele retornou para o seu povo (...). Os estrangeiros haviam partido e deixado atrás de si um lugar que agora era apenas uma sombra da beleza e da força de outros tempos. (...) O menino-homem olhou ao redor, recolheu alguns poucos galhos espalhados pelo chão e acendeu uma pequena fogueira. A chama, aparentemente frágil, ganhou força quando o menino-homem passou a dizer, como em uma prece, um a um, o nome de todas as pessoas que um dia fizeram parte daquela aldeia, narrando suas vidas e seus feitos. Ao ouvirem seus nomes e as histórias de seus ancestrais, aos poucos mulheres e crianças sentaram ao seu redor da fogueira e foi como se as labaredas reacendessem as suas memórias e as fizessem lembrar de tudo o que haviam esquecido. (...)

Antigamente faziam-se fogueiras na praia. Lanternas grandes de pilhas eram dadas aos miúdos que iam preparar chouriços. Chegavam lá com tanta fome que eram capazes de comer esse mundo e outro. Como no livro do Fernando Fitas, também resolvemos levar às mãos o lume. Fizemos uma fogueira na praia com as matriarcas. Aqueles que já não estão neste plano, mas que fazem parte da história daqui, foram juntamente invocados. Seus nomes e os nossos foram multiplicados e lidos ao redor do fogo num rito de passagem e presença no que ainda resta de praia, criando uma memória para o futuro.

Há um corte das memórias antigas para as novas gerações porque os de mais idade têm dificuldade em conversar com os mais jovens. A mãe narrava as suas histórias de forma tão melancólica, atrelada à memória de forma tão daninha, que afugentava a filha. Mas não fazia isso com todo mundo, tanto que todas nós queríamos sentar perto para ouvi-la melhor. De modo geral, o que saía daquela boca era lindo e vinha acompanhado de uma alegria imensa por ter vivido tudo aquilo junto às pessoas que mais amava. Mas para explicar a importância de uma vida para uma criança que você mesma plantou em sua frente, não se pode ressaltar só o passado, se recusando a olhar as maravilhas do presente. É quase um atestado de que aquela criança ali não vale nada, porque o que era bom mesmo ficou para trás. Quando se tem vinte anos, salta-se o muro para entrar em casa. Mas hoje, não tem jeito, há-de se abrir o portão, porque não há motivo para não se entrar em casa. É pelo ânimo que não se perde a vontade de viver. Até porque, a morte, quando vem, traz sempre uma desculpa.

Sem lanche não vamos. Antes de sair, a avó apronta a bolsa, os refrescos, o protetor solar, alguns biscoitos e frutas, que muitas vezes voltam pra casa porque compra-se sorvete, camarão no espeto, queijo coalho ou empadinha. Ou come-se peixe com batata frita no Ernesto em ocasião especial. A avó também separa a revista com as palavras cruzadas e o lápis da loja de ferragens que já vem com uma borrachinha na ponta, seus óculos de grau e de sol, uma toalha esburacada, um creminho para passar entre as coxas para as pernas não grudarem, uma cadeirinha dobrável, a barraca e os chinelos. A nós só nos resta levar o baldinho de plástico com as formas e pás. Nunca usamos boias na praia, só a prancha de bodyboard que nem sempre é para surfar, mas para construirmos fortes e barreiras d'água. Depois é levar toda essa tralha de volta para casa e passar pela mangueira de água doce e repetir tudo novamente amanhã e até ao final do verão. O avô deixa-nos na praia e volta com os demais homens ao bar da casa da curva, da Mimi, a viúva com alcunha de espanhola porque sempre leva uma rosa encaixada nos cabelos pretos. A avó morre de ciúmes.

A avó estaciona na frente do portão e desce com uma caixa de morangos de presente. *Vocês são de quem?* E nós em coro, *Da fofó*. Um chamego rápido porque meio-dia vem o almoço. Lavamos a mão antes de sentar, regra sempre gritada e inspecionada. Antes de qualquer cara feia, ela serve os legumes nos pratos porque arroz com salada é uma delícia. A maionese de alho era para ser igual a do Pançudo, mas não deu certo. O sorvete de morango com Quick também não. Então a sobremesa é novamente laranja e competimos para ver quem consegue descascá-la em uma única cobra. *Laranja é ótima para a digestão*. Em seguida há de se escovar os dentes e ela nos mostra como se limpa a pia para não deixar o azul marinho todo manchado de branco. Depois queremos comer pão, até a avó, mas ela não quer sair de casa, mal-humorada e sem dinheiro. Oferecemos para ir à padaria. Ela nos explica o trajeto e indica como andar, para onde olhar, cuidado com o sinal atravessa a faixa e anda

perto do meio-fio. Tá bom, tá bom, já sabemos. Mas nunca soubemos o que era andar perto do meio-fio.

Diante do espelho ao lado da cama, a avó veste um maiô preto e uma saia-canga porque já não existem regras nem multas que obrigam, naquele calor todo da praia, a usarem roupa inteira ou fatos de banho de lã. Só quem trabalhava sob o sol, ao ar livre, era bronzeadas. A preocupação com a saúde da pele não era relevante, apenas a questão social de quem era curtida de sol ou não, saloias ou não. Mas não é por isso que ela passa caprichosa um líquido cremoso espesso no rosto. Sua pele é das mais vistosas. Pede um beijo e deixa nossos lábios com um gosto turvo. Ela estudou na mesma escola que a gente. Normalmente as avós costumam ser um bocadinho mais elásticas que as mães, mas não aquela. Ela é rigorosa, mas muito amorosa. Sempre nos leva na beirinha do mar porque não sabe nadar, segurando-nos pela mão, guiando-nos naquela aventura e ensinando-nos a respeitar a água. Nem com o gesso no braço faltamos à praia. Com chuva ou sol, calor ou frio, alforrecas, águas vivas ou peixes-aranha, a avó mostra os caminhos com uma segurança admirável, marcando para sempre aqueles meses quentes que estamos sob os seus cuidados exclusivos enquanto a mãe e o pai trabalham sem descanso. Nosso biquíni azul turquesa, fundidas aos tons da água, sentindo-nos especialmente belas e peixes. A avó se molha no rasiño, no canto de pedras onde sabe que não há risco de ser levada pela corrente. Brincamos com as pedras, a areia e as nuvens. E fazemos yoga porque uma moça oferece a todas as famílias. Qualquer praia é um retrato da avó, um lugar de reencontro e conforto, de risadas ouvidas e imaginadas que sempre nos arrancam sorrisos. E quando a avó deixou de andar sozinha, somos nós, adultas, que guiamos a avó, carregando-a pelas axilas e permitindo que aquele corpo velho, gordo e cansado tome mais um banho em mais um verão de uma longa vida junto ao mar.

O mar tá brabo hoje, mas o sol tá mais.





Soubemos de um quartinho anexo para alugar daquela família do Sr. Zé que tem um Yorkshire. Ao pé da casa do Eduardo, vira-se ali num cantinho daquela rua. Não é na 5ª Avenida, é na de baixo, onde morou a Raquel, da Esmeralda. É a rua do Sabá e depois vai um pouco assim para dentro. Tem até uma ligação para a 5ª Avenida. Aquela casa era do francês que depois comprou lá na curva, ao pé da casa amarela.

Porra! Exclamou a Marquesa, batendo com as tetas na mesa. Mas, lembrando a esmerada educação que tivera na Suíça, trocou o porra por chiça. Mãe, isso já não presta pra nada! E o neto de seis anos chora porque quer vir pra casa da praia, mesmo que agora se plantem diante à nossa porta a tomar banho, a cortar o cabelo, a fechar a rua a dançar, a chamar a outra de vaca, a dar pancadas e arrumar confusão até a polícia chegar. Já são duas da manhã e ainda jogam a bola e outros que nem são daqui acabam de chegar. Chutam pra lá e pra cá, arremetendo forte contra o portão da casa da avó inúmeras vezes. Não importa se ela gosta de futebol, ela quer é dormir. Mete a cara para fora da janela e reclama, e os rapazes xingam feio, absurdos à avó e a filha. Nem todos, mas sempre rapazes a xingar. Mentira, também vemos as mulheres a puxarem os cabelos em brigas de rua. E também vemos os interesses imobiliários a pressionarem para tirar-nos todos daqui. Preconceituosos, chamam-nos clandestinos e querem acabar com tudo. Apesar das nossas diferenças, temos que nos unir antes que nos ponham daqui pra fora. Temos que estar atentos.

Quando estourou a revolução, foi de verde e vermelho ao estádio, tal qual a bandeira nacional. E buscou a menina na escola. E fez a barba antes de sair para a fábrica. E caminhou pela rua ao lado do tanque parado no sinal vermelho. E vários subiram no tanque para serem fotografados. As pessoas perderam o medo. Passaram a olhar umas paras as outras, a se unir, a se associar, em um momento em que a coletividade passou a ser a tônica, inclusive aqui na nossa aldeia. Impossível ter saudade de um tempo em que bastava protestar para ser chamado de comunista, perseguido pela polícia e pela própria sombra. Não foram poucos os que tiraram a própria vida. Naquele dia, poucos minutos após a meia-noite, a Rádio Renascença tocou a mesma canção da nossa viagem de autocarro quando começamos a namorar. E cantamos em uníssono: Grândola, Vila Morena / Terra da fraternidade / O povo é quem mais ordena / Dentro de ti, ó cidade / Dentro de ti, ó cidade / O povo é quem mais ordena / Terra da fraternidade / Grândola, Vila Morena / Em cada esquina, um amigo / Em cada rosto, igualdade / Grândola, Vila Morena / Terra da fraternidade / Terra da fraternidade / Grândola, Vila Morena / Em cada rosto, igualdade / O povo é quem mais ordena / À sombra duma azinheira / Que já não sabia a idade / Jurei ter por companheira / Grândola, a tua vontade / Grândola, a tua vontade / Jurei ter por companheira / À sombra duma azinheira / Que já não sabia a idade.

Aqui na praia filmaram uma homenagem ao Salgueiro Maia para comemorar um dos aniversários do 25 de Abril. Mas todo o ambiente associativo dos anos que sucederam a revolução foi aos poucos sendo arrefecido. Não sabem, não viram, não lembram e não acreditam muito no que as testemunhas têm para contar. Não querem saber de política porque não entendem que, ao se pôr um prato à mesa, já se está fazendo política. Com o passar do tempo, vem sendo construída uma hostilidade entre as pessoas que exacerba o individualismo e leva a comportamentos egoístas e anticomunitários. Num lugar pequeno como o nosso, isso tem um peso negativo imenso. É necessária a solidariedade que já não vemos como antes. A desafeção é uma poderosa arma política. Não sejamos contra as pessoas, mas contra o sistema. Agora já não matam, mas moem.

Como em todo relacionamento, o início é sempre enigmático e explosivo, filtrado de modo a ignorarmos as adversidades e maximizarmos as mais incríveis sensações que nos permitamos experimentar. Uma bagunça sentimental que domestica o estranho, trazendo-o para perto do coração. Conforme o tempo avança e os pés se firmam no chão, as nuances acinzentadas aparecem. Para bem e para mal, o encantamento muda, vozes aumentam ou desaparecem por completo. Inauguram-se novas formas de se relacionar. Durar ou romper. A graça, o sem graça e a desgraça. Acontece com qualquer relação de intimidade, sejam casais, família, amigos ou lugares. As paixões nos movem.

Uma dança e o outro surfa no mar revolto para nunca mais voltar. Diante das imensas paredes de água, as pessoas assistem atônitas as ondas gigantes com a certeza de que não sucumbirão. A avó, que se casou na biblioteca mais antiga do mundo, observa o casal que se casa na praia diante daquela euforia atlântica, o véu longo do vestido roçando a areia do que resta de praia, os cabelos alvoroçados pelo vento e pelas gotas de mar salpicadas como purpurina, e as fotografias mais lindas da promessa que são feitas ali naquele quase apocalipse.

Não tarda muito para ele se queixar de que ela se parece à sua mãe. Ainda não entendeu que eles tendem a casar-se com as mães porque, além de tudo e qualquer coisa, todas as mulheres se parecem de tanto em tanto, já que sofrem do mesmo cabresto de uma sociedade regida por homens como ele. Foi no ano seguinte que Debussy compôs “Clair de Lune” e um pouco antes do António Gedeão nascer, que nasceram a avó e o Pablo Neruda, e que o jornal “A Cidade de Ytu” publicou que para uma mulher ter merecimento real ela precisava aprender: a coser; a cosinhar; a ser amável; a ser obdiente; a ter livros uteis; a levantar-se cedo; a fugir da ociosidade; a guardar um segredo; a evitar as bisbilhotices; a ser graciosa e alegre; a dominar o seu genio; a ser a alegria da casa; a cuidar bem dos filhos; a convencer pela meiguice; a não fallar antes do tempo; a ser a poesia e a flor do lar; a não ser demasiada ciumenta; a não andar sempre pelas lojas; a tratar de tornar-se agradável; a ter uma grande bondade de córação; a não jogar no bicho.





[António Gedeão, *Calçada do Carriche*, 1957] Luísa sobe, sobe a calçada, sobe e não pode que vai cansada. Sobe, Luísa, Luísa, sobe, sobe que sobe, sobe a calçada. Saiu de casa de madrugada; regressa a casa é já noite fechada. Na mão grosseira, de pele queimada, leva a lancheira desengonçada. Anda, Luísa, Luísa, sobe, sobe que sobe, sobe a calçada. Luísa é nova, desenxovalhada, tem perna gorda, bem torneada. Ferve-lhe o sangue de afogueada; saltam-lhe os peitos na caminhada. Anda, Luísa. Luísa, sobe, sobe que sobe, sobe a calçada. Passam magalas, rapaziada, palpam-lhe as coxas, não dá por nada. Anda, Luísa, Luísa, sobe, sobe que sobe, sobe a calçada. Chegou a casa não disse nada. Pegou na filha, deu-lhe a mamada; bebeu da sopa numa golada; lavou a loiça, varreu a escada; deu jeito à casa desarranjada; coseu a roupa já remendada;

despiu-se à pressa, desinteressada; caiu na cama de uma assentada; chegou o homem, viu-a deitada; serviu-se dela, não deu por nada. Anda, Luísa. Luísa, sobe, sobe que sobe, sobe a calçada. Na manhã débil, sem alvorada, salta da cama, desembestada; puxa da filha, dá-lhe a mamada; veste-se à pressa, desengonçada; anda, ciranda, desaustinada; range o soalho a cada passada; salta para a rua, corre açodada, galga o passeio, desce a calçada, desce a calçada, chega à oficina à hora marcada, puxa que puxa, larga que larga, puxa que puxa, larga que larga, puxa que puxa, larga que larga, puxa que puxa, larga que larga; toca a sineta na hora aprazada, corre à cantina, volta à toada, puxa que puxa, larga que larga, puxa que puxa, larga que larga, puxa que puxa, larga que larga. Regressa a casa é já noite fechada. Luísa arqueja pela calçada. Anda, Luísa, Luísa, sobe, sobe que sobe, sobe a calçada, sobe que sobe, sobe a calçada, sobe que sobe, sobe a calçada. Anda, Luísa, Luísa, sobe, sobe que sobe, sobe a calçada.

Mudaram a fechadura da casa na calada da noite e já lá não podemos entrar, nossas coisas trancafiadas sem opção de resgate, livros e mais livros amordaçados. Foi como ver o fundo da terra outra vez, mas sem o deslumbre inicial de quando lá pisamos. Não atravessamos mar nenhum, pelo contrário, atolamos ali mesmo. Sempre nos pareceu uma grande utopia cederem uma casa à beira mar para sediar uma biblioteca. Não se entende ao certo o porquê, mas alguns sempre estiveram contra aquilo que surgiu de forma voluntária há dez anos. Encerraram pela segunda vez um espaço comunitário regido por pessoas com quase nulas opções de ócio, que construíram ali um pouso e um afazer, um canto seguro onde resistir e receber amigos, ler, ouvir e ver juntos. Fomos silenciados quiçá por temerem o poder dos encontros, a soma das cabeças sensíveis e pensantes, a relevância da cultura para um mundo humanizado. A violência da censura, da desapropriação, como se algo de errado houvesse em oferecer livro, conversa, lanche, companhia... e amor. Encerraram a casa e despejaram o que conseguiram no campo da bola, ao relento, no inverno, na época de chuvas, sem qualquer zelo por aquele ou qualquer matrimônio, patrimônio cultural, imaterial. Brutalidade, covardia. A quem pode interessar destruir uma biblioteca comunitária? Todo o ambiente associativo dos anos que sucederam o 25 de Abril foi aos poucos sendo arrefecido.

Te emprestamos um livro e catamos as cadelinhas logo cedo na maré baixa, antes de irmos ao Bugio com o barco do Vitocas, o Pestinha, aquele bote branco com azul que todos os anos ancora na baía. Nosso sonho de tantos anos! O desejo é tamanho que, mesmo sem saber nadar, nada nos amedronta. Passar com o barco sobre a areia da praia que não existe mais, ver a praia de fora se afastando e o Bugio cada vez mais perto, e o coração a se encher de alegria. O mar parece vidro. Não chores, ainda que seja de alegria. Não chouriço que a carne é de porco. Parece que gostastes muito daqui.

Já são cem anos desta história urbana. A avó ri de quem diz que a velhice é muito bonita. Uma porra, é só olhar os hospitais para ver quantos velhotes estão abandonados mesmo tendo alta médica sem ter para onde ou com quem ir. Pare e olhe. Ainda consegue ver como o nosso lugar é bonito? Olhemos juntos porque às vezes a gente se esquece. De tanto reclamar de tudo, pedimos à menina que faça um exercício, um repasse de todas as atividades do dia, para olhar com cautela por onde e com quem esteve. Quem sabe percebendo a cronologia, a sucessão de fatos, ela possa valorizar mais a riqueza da vida que tem, os afetos e belezas que lhe acompanham, para além dos temores que acredita sofrer e que lhe turvam a mente. Talvez de fato sofra, mas certamente a vida lhe é bem mais afável do que aparenta. Não esqueçamos de transformar o ódio em amor e cultivar subversiva alegria.

[António Macedo. *Canta, amigo, canta*, 1975]

Erguer a voz e cantar / É força de quem é novo / Viver sempre a esperar /
Fraqueza de quem é povo / Viver em casa de tábuas / À espera dum novo
dia / Enquanto que a terra engole / A tua antiga alegria / Canta, canta,
amigo, canta / Vem cantar a nossa canção / Tu, sozinho, não és nada /
Juntos temos o mundo na mão / Canta, canta, amigo, canta / Vem cantar
a nossa canção / Tu, sozinho, não és nada / Juntos temos o mundo na
mão / O teu corpo é um barco
Que não tem leme, nem velas / A tua vida é uma casa / Sem portas e sem
janelas / Não vás ao sabor do vento / Aprende a canção da esperança /
Vem semear tempestades / Se queres colher a bonança / Canta, canta,
amigo, canta / Vem cantar a nossa canção / Tu, sozinho, não és nada /
Juntos temos o mundo na mão / Canta, canta, amigo, canta / Vem cantar
a nossa canção / Tu, sozinho, não és nada / Juntos temos o mundo na
mão / Já que me chamas amigo / Prova-me lá que o és / Vem para a ceifa
comigo / Na terra, sujar os pés / Eu vou contigo pro campo / Eu vou comer
do teu pão / Tu dás-me a força da vida / Eu dou-te a minha canção / Canta,
canta, amigo, canta / Vem cantar a nossa canção / Tu, sozinho, não és
nada / Juntos temos o mundo na mão / Canta, canta, amigo, canta / Vem
cantar a nossa canção / Tu, sozinho, não és nada / Juntos temos o mundo
na mão.

Nós fomos muitos e amanhã seremos mais. Em memória de Belmira.



Referências em ordem de aparição

Pablo Neruda, *O teu riso* in “Os versos do capitão”. [tradução Thiago de Mello]. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. p.28-31.

António Mafra, *Sete E Pico*, canção de 1994.

Ao passar a ribeirinha e *As Pombinhas da Catrina* são músicas tradicionais portuguesa de origem difícil de determinar devido à natureza da transmissão oral das cantigas populares. No entanto, ambas as canções ganharam maior visibilidade no século XX pela voz de Amália Rodrigues.

Alecrim, alecrim dourado, canção tradicional portuguesa cuja autoria exata e ano de lançamento são desconhecidos.

Paulino Gomes Júnior (letra e música) na voz de Luís Piçarra, *Ser Benfiquista*, ca. 1953.

Denise Guilherme, *O Guardador de Memórias*. São Paulo: Moderna, 2021.

José Afonso, *Grândola, Vila Morena*, canção de 1971.

Vladimir Pinheiro Safatle, *Para além da necropolítica: considerações sobre a gênese e os efeitos do Estado suicidário*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2020. Disponível em: <<https://repositorio.usp.br/item/003020326>> acessado em 13.03.2025.

A Cidade de Ytu, Ano12, n852, 1904. Disponível em: <<https://www.scribd.com/document/604072424/A-Cidade-de-Ytu-ano12-n852-1904>> acessado em 13.03.2025.

António Gedeão, *Calçada do Carriche*, canção de 1957.

António Macedo. *Canta, amigo, canta*, canção de 1975.